

# Vagalumes nas noites da ilha: violência e mecânica do poder em *Marginais*, de Evel Rocha

Luca Fazzini<sup>1</sup>

Resumo: Propõe-se, no presente artigo, uma leitura da mecânica da violência e das relações de poder na Ilha do Sal, em Cabo Verde, encendas pelo escritor cabo-verdiano Evel Rocha no seu romance *Marginais*, publicado em 2010. Com base na metáfora dos vaga-lumes, de Pier Paolo Pasolini, retomada por Geoges Didi-Huberman em *A sobrevivência dos vaga-lumes* (2011), esse artigo, por meio da análise do referido romance, debruça-se sobre as formas de resistência e sobrevivência das margens, num contexto marcado, por um lado, pela exploração da terra e dos corpos pela indústria do turismo, por outro lado, pela ação violenta do poder público.

Palavras-chave: Literatura cabo-verdiana. Representações da violência. Biopolítica.

## Luzes que resistem às trevas: uma introdução

No seu livro *A sobrevivência dos vaga-lumes* (2011), Georges Didi-Huberman propõe uma reflexão acerca do contemporâneo por meio da metáfora da luz. Nele, e, em particular, no primeiro capítulo chamado “Infernos”, Didi-Huberman convoca e questiona a metáfora da morte dos vaga-lumes, em Pier Paolo Pasolini (1922-1975), por um *excursus* na própria imagem dos vaga-lumes (*le lucciole*), usada pelo italiano justamente como metáfora poética da revolução antropológica operada pelas dinâmicas capitalistas da sociedade de consumo. O passeio traçado por Didi-Huberman por meio dessa imagem pode ser dividido em duas etapas. Um primeiro momento diz respeito ao aparecer dos vaga-lumes

---

1 Investigador FCT no Centro de Estudos Comparatistas (CEComp) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde também leciona as Unidades Curriculares de Língua Portuguesa e Linguagens Literárias e Literatura Angolana. É doutor em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e autor de *Versões do Horror: Guerra e Testemunho no Romance Português e Italiano Contemporâneo* (2019).

em Pasolini: aquilo que eles representam e o significado metafórico que essas figuras conservam. Didi-Huberman, em uma espécie de arqueologia do pensamento de Pasolini, irá buscá-los primeiramente na juventude do poeta, na sua vivência no contexto bélico da Itália fascista e nas leituras da *Comedia* de Dante de um ainda jovem estudioso de literatura. Ao lado desse interesse de estudioso pela escrita da realidade, pela *mimesis*, Pasolini vive, em primeira pessoa, a experiência da Itália fascista. Embora aparentemente afastado da atividade política, ele testemunha a retórica magníloqua da ditadura de Benito Mussolini, o seu desprezo pelo povo, a sua violenta ambição totalitária nunca alcançada por completo e a sua tremenda repressão. Nessa experiência pessoal do poeta, Didi-Huberman ressaltava uma carta escrita ao amigo Franco Farolfi, entre 31 de janeiro e 1º de fevereiro de 1941, sobre a vitalidade da juventude mesmo durante as trevas da ditadura e da violência de matriz fascista. A juventude apresentada nessa carta de 1941 é, portanto, uma juventude viva, total, alegre, que preenche a noite com as suas gargalhadas, para parafrasear as palavras do poeta e cineasta. No meio das trevas, da escuridão da ditadura, ainda seria possível o instante de inconsciência, eludir o olho mecânico dos ferozes projetores da repressão fascista. Os vaga-lumes *pasolinianos* seriam, portanto, não só os jovens, mas também o subproletariado urbano e camponês, assim como todos aqueles que resistem, de forma orgânica, à carência e à violência imposta pela barbárie fascista. Embora num movimento contínuo de fuga, seria ainda possível resistir e sobreviver, brilhar igual a flébil luz dos vagalumes nas noites campestres.

O segundo momento, a segunda etapa do pensamento *pasoliniano* apresentada por Didi-Huberman, é justamente o da morte dos vaga-lumes e das suas consequências apocalípticas. Ao discutir o contexto italiano, com aquilo que passará a ser conhecido como “o artigo dos vaga-lumes”, publicado em 1975 em *Il corriere della sera*, Pasolini coloca, a partir de meados da década de 1960 aquilo que considera ser uma virada de época.

Nesses anos, o poder, sem rosto e sem corpo por não ser mais referente a uma figura política ou a um partido, mas pertencente ao capital transnacional, conseguiu, de fato, impulsionar uma mudança silenciosa, disfarçada, porém totalmente radical. Em diferentes ocasiões Pasolini refere-se a essa mudança radical chamando-a de “revolução antropológica” ou até de “genocídio”. Citando o próprio Pasolini: “considero que a destruição e a substituição de valores na sociedade italiana de hoje levam, mesmo sem carnificinas e fuzilamentos de massa, à supressão de largas faixas da sociedade”. (PASOLINI, 1990, p. 109-110). Os alvos principais dessa mudança, dessa supressão, são as classes populares, o subproletariado urbano e campesino antigamente diferenciado em termos regionais.

Tal visão aponta, de fato, para a atuação do poder disciplinar e normativo sobre os corpos e para uma política que exercita a sua ação sobre a vida (FOUCAULT, 2005), ao considerar a homogeneização cultural e o genocídio das margens, dos “indesejados”, como consequência da afirmação da sociedade de consumo. Em *Império* (2000), Antonio Negri e Michael Hardt, ao desenhar uma ideia de “soberania pós-moderna capaz de governar a acumulação de capital na era da financeirização” (ZARU, 2016, p. 148, tradução do autor), sublinham como a “ideologia do mercado mundial” (NEGRI, HARDT, 2000, p. 168) comportaria, supostamente, uma contínua abertura em relação ao outro para gerar lucro a partir da diferença. Qualquer corpo e qualquer subjetividade seriam, portanto, rendáveis pois, o mercado necessitaria conjugar-se de acordo com tais diferenças para poder explorá-las, apresentando-lhes não apenas produtos adequados para as mais variadas exigências, mas a possibilidade de um estilo de vida próprio, de poder moldar o próprio corpo de acordo com as perspectivas desenhadas para o indivíduo, pelo mercado também através da indústria cultural. Tais dinâmicas, no entanto, coexistem com o sistemático trabalho da morte, operada pelo poder público ora em forma de abandono e falta de assistência perante as situações mais precárias, ora através da violência

perpetrada por agentes do Estado, como os órgãos de segurança pública.

A partir, portanto, da pasoliniana metáfora dos vaga-lumes, das múltiplas possibilidades e estratégias de resistência diante das dinâmicas contemporâneas de exclusão e marginalização, sempre ligadas ao desenvolvimento capitalista e em continuidade com o passado colonial-fascista (no caso cabo-verdiano), no presente artigo propõe-se uma leitura da mecânica da violência e das relações de poder na Ilha do Sal, em Cabo Verde, encenadas por Evel Rocha no seu romance *Marginais* (2010).

Dentro do arquipélago cabo-verdiano, a Ilha do Sal pertence ao subgrupo das ilhas de Barlavento e tem uma área geográfica de 216 km<sup>2</sup>. Caracterizada por um clima árido e pela falta de água, o povoamento da ilha respondeu à lógica da exploração dos recursos naturais – a extração de sal nas salinas da Pedra do Lume – e da força trabalho, como para a construção, em 1939, do aeroporto internacional, hoje chamado Aeroporto Internacional Amílcar Cabral, em homenagem ao líder do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde, movimento independentista e anticolonialista. Inicialmente projetado para ser uma escala nas viagens que, entre Europa e Américas, cruzavam o Atlântico, a construção do aeroporto encontra expressão literária em fragmentos do romance *Debaixo da Nossa Pele: Uma Viagem* (2017) e em *Campo da fortuna* (2018), de Evel Rocha. Este último, romance histórico, ao encenar os processos que levaram à formação da cidade de Espargos, capital da ilha, e à construção do aeroporto, desenha uma realidade social marcada por processos de migração interna e desterritorializações – o romance abre-se, justamente, com a chegada de um navio na Ilha do Sal e com o desembarque de passageiros atraídos pelas possibilidades de emprego (ROCHA, 2018, p. 7-9).

Em época recente, como apontam estudos (SANTOS, 2010; PRADO, 2019; MARTINS, 2018) e indicadores estatísticos (INE, 2016), assistiu-se também ao *boom* do turismo de massa, que transformou não

apenas a economia da ilha, como também a sua demografia e as dinâmicas sociais. O capital financeiro internacional, com a cumplicidade do poder público, tomou conta do setor hoteleiro e impulsionou a chegada e a instalação nas ilhas de grupos empresariais estrangeiros por meio de sociedade *offshore*. Como analisa Natal Eugénio Silva Bans de Portela e Prado, em *O turismo e a criminalidade: o caso da Ilha do Sal, Cabo Verde* (2019), dissertação de mestrado em Segurança Pública na Universidade de Cabo Verde (UNICV), a construção de *resorts hotels* que oferecem a modalidade *all inclusive* desencadeia complexas dinâmicas sociais. Tais dinâmicas acentuam a precariedade de determinados grupos locais, os que se encontram à margem: para além da enorme diferença em termos de recursos materiais e poder de compra entre os turistas, na grande maioria europeus, e os trabalhadores locais, a necessidade de trabalho afasta os pais dos respectivos núcleos familiares, deixando as crianças sem amparo. Ao mesmo tempo, a valorização imobiliária, desencadeada pelo turismo, causa precariedade habitacional para a população da ilha que se vê obrigada também à marginalidade urbana, em verdadeiros territórios de exceção (FAZZINI, 2018) abandonados pelo poder público. Nesse cenário, a microcriminalidade juvenil (SOUSA, 2013) e a prostituição não só de homens e mulheres, como também de adolescentes e crianças (FREDERICO, 2015) impõem-se como a consequência mais dramática e patente de um desenvolvimento econômico ainda marcado pela colonialidade das práticas e das hierarquias sociais. Nesse sentido, as praias de Santa Mária, pequena vila turística no sul da ilha, reproduzem o cenário das cidades coloniais, nas quais é a raça que marca a posição nas hierarquias de poder: de um lado, um enorme contingente de estrangeiros – na esmagadora maioria, brancos –, aproveitando o lazer propiciado pelo capital internacional e as extremas belezas naturais da ilha; no outro lado e em posição de serviço, os negros autóctones ou oriundos da costa ocidental africana, atraídos na ilha pelas possibilidades de emprego:

as consequências negativas apontadas ao turismo não têm a ver somente com o tipo de turismo, mas também com as políticas públicas pouco claras e ineficientes. O aumento de migração para a ilha do Sal, devido à demanda de mão-de-obra não foi acompanhado de condições para receber os migrantes na ilha. O aumento do custo de vida local era previsível, e o baixo salário recebido pelos trabalhadores ligados ao setor poderia e pode ser regulado pelo Estado, evitando que os trabalhadores acabem por morar em assentamentos informais, sem condições dignas de habitação, trazendo como consequência problemas de segurança pública, como criminalidade, saúde pública deficitária, problemas de saneamento, falta de infraestruturas básicas, como acesso à água e energia, falta de urbanização e iluminação pública, problemas de ambiente, entre outros. (PRADO, 2019, p. 49).

É nesse cenário, marcado por profundas desigualdades e atravessado por dinâmicas endocoloniais e neocolônias do poder, que o escritor cabo-verdiano Evel Rocha costura o enredo do seu romance *Marginais*, no qual o lado estético se conjuga diretamente à crítica política da mecânica de poder na Ilha do Sal. Com esse romance, será, portanto, possível interrogar as formas de sobrevivência daqueles que, metaforicamente, Pier Paolo Pasolini chamou de vaga-lumes: nesse caso, a juventude da ilha que, presa entre a precariedade da existência e o desprezo do poder público, procura formas para resistir ao abandono, à miséria e à morte.

### **Vaga-lumes nas noites do Sal: *Marginais*, de Evel Rocha**

*Marginais*, romance cabo-verdiano publicado em 2010 por Evel Rocha, têm como foco de interesse os conflitos que marcam a vivência em áreas esquecidas pelo poder público: os bairros carentes e a mecânica da exclusão social na Ilha do Sal, no arquipélago de Cabo Verde. O autor, Evel

Rocha, escritor e investigador na área das Ciências Sociais e da Cultura, nasceu nos lugares retratados pelo seu romance: a cidade de Espargos, na Ilha do Sal, em Cabo Verde. Membro da academia Cabo-verdiana das Letras, Evel Rocha, terminou seus estudos secundários na Ilha de São Vicente, fez Mestrado em Psicologia nos Estados Unidos e Supervisão Pedagógica em Portugal, sendo, portanto, um intelectual movido pelo compromisso político e pela urgência de “fazer um retrato social da Ilha do Sal” (ROCHA, p. 2015, p.13) – como afirmado pelo próprio autor: “*Marginais* é um livro escrito para as massas, para o povo, para as pessoas comuns” (ROCHA, 2015, p. 12). Nesse sentido, o paradigma etnográfico discutido por Hal Foster, em *O retorno do Real*, seria uma estratégia de leitura pertinente para pensar o trabalho de Rocha como uma tentativa de representar pela ficção, a sociedade cabo-verdiana e, em particular, a da Ilha do Sal, com base no estudo, no contato e na proximidade com a marginalidade. De acordo com as reflexões de James Clifford, em *A experiência etnográfica*, é possível afirmar que, em *Marginais*, o autor se constitui como “uma presença participativa, um contato sensível com o mundo a ser compreendido, uma relação de afinidade emocional com seu povo, uma concretude de percepção” (CLIFFORD, 1998, 38).

A construção da obra, num certo sentido, manifesta a distância (ou a falta de distância) entre os autores e a matéria narrada. Em termos diegéticos, *Marginais* apresenta dois momentos, ou níveis narrativos, distintos: um primeiro constituído principalmente pelo encontro de Sérgio do Rosário Araújo – conhecido como Sérgio Pitboy, figura marginalizada fatalmente enfraquecida pela tuberculose, cujo nome se deve à denominação da *gang* à qual pertence, os Pitboy – com um antigo colega de colégio, ao qual Sérgio oferece as suas memórias cuidadosamente escritas e conservadas ao longo da sua breve vida. Esse encontro, que serve de prefácio às memórias de Sérgio, está narrado na primeira pessoa pela voz de quem recebeu o manuscrito e assim o descreve:

Esse é o livro que muitos jovens deste país gostariam de ter escrito. A caligrafia perfeita, as frases construídas de uma forma escorreita refletem uma certa intimidade que Sérgio tinha com a escrita. A princípio, pensei em publicá-lo como estava, porém, devido à linguagem, a abundância de calão e termos que poderiam chocar os mais refinados, tomei a iniciativa de substituir algumas passagens de modo a não perder o sentido das frases. Alguns trechos foram suprimidos por serem demasiado realistas e por descreverem fatos que poderiam pôr em causa a dignidade de muitas pessoas da ilha (ROCHA, 2010, 13).

Pode-se, de fato, considerar o narrador do prefácio como sendo o autor empírico do romance. Nesse sentido, narrador do prefácio e autor empírico desenvolveriam um papel de mediação entre a margem e os leitores, função evidente também na adaptação linguística à qual o manuscrito foi submetido e que se torna explícita já no prefácio. No entanto, tratar-se-ia de uma mediação que se afirma como legítima, já que o narrador do prefácio, assim como o autor empírico, tem proximidade com a marginalidade salense:

Se não conhecesse um pouco da história dos bairros da ilha, se não tivesse uma vivência com os chamados «marginais», todo o conteúdo destas páginas não passaria de um simples desabafo de mais um revoltado pelo sistema social imposto aos ilhéus deste país. Quanto à veracidade destes manuscritos, não cabe a mim julgá-la, contudo, devo afirmar que, depois de os ler, o meu conceito de humanidade teve uma profunda mudança. Hoje, penso e vivo mais pelos outros. (ROCHA, 2010, 14).

O segundo nível, também narrado na primeira pessoa, mas desta vez pela voz de Sérgio, está constituído pelas próprias memórias, mais um

mosaico de estórias relativas ao “submundo” da ilha do que uma verdadeira narração unitária.

*Marginais* abre-se, portanto, com um prefácio que visa a introduzir o leitor à obra e fecha-se com um posfácio que conta a morte e o enterro de Sérgio. Entre os dois, ao longo de 37 capítulos, temos o desenrolar dos acontecimentos que caracterizam a experiência marginal do protagonista, Sérgio, e das inúmeras outras figuras que não se encaixam nos paradigmas do poder e por este não contemplados – na sua maioria negros, pobres, prostitutas, homossexuais. O tempo da narração é o final do século XX, fase vital para a economia da ilha, momento de passagem e transformação no qual o arquipélago de Cabo Verde e a Ilha do Sal em particular tornaram-se um dos principais destinos do turismo de massa. Lê-se no romance:

Santa Maria já não é e jamais será a vila hospitaleira de gente humilde e trabalhadeira do passado. A vila dourada pelo sol e pela areia das suas praias, que nasceu entre as salinas e o mar de cor esmeralda, que abasteceu a África e a Europa com o seu sal, hoje é refém de mercenários, caçadores de ilusões, comerciantes do sexo indiscriminado, predadores que vão deixando as suas marcas à medida que destroem a nossa terra em nome do progresso e mais trabalho, bárbaros que vão profanando a pureza desse magnificante recanto que inspira paz (ROCHA, 2010, p. 157).

Às marcas das violências devidas ao passado recente – as do colonialismo português –, adicionam-se, portanto, às causadas pelo capitalismo e pela globalização: o tráfico de drogas e a prostituição infantil. A Ilha do Sal foi, na prática, a última ilha do arquipélago a ser povoada, na altura da colonização portuguesa. Todavia, por sediar o já mencionado (primeiro) aeroporto internacional, tornou-se destino do turismo massivo e também do turismo sexual. Tais mudanças afetaram radicalmente a

economia da ilha, sem, porém, trazer melhorias na qualidade de vida dos moradores.

Em Cabo Verde, enquanto uma restrita elite local e estrangeira viu o próprio poder econômico crescer através do turismo e de atividades ilegais a este vinculadas, segundo os dados apresentados pelo Instituto Nacional de Estatística, 35% da população vive ainda abaixo da linha da pobreza, sendo 10,6% em pobreza extrema (MONTEZINHO, 2016). A desigualdade, além de ser muito relevante – se 20% da população mais rica do arquipélago concentra metade da despesa nacional, aos 40% mais pobres cabem apenas 15,4% – manteve-se aproximadamente constante de 2001 até 2015, apesar do relativo crescimento do PIB (INE, 2017). As condições sociais nas quais vive boa parte da população também se mantiveram, muitas vezes, precárias. Se a taxa de desemprego pode alcançar, em algumas ilhas, entre 13 e 14%, tanto para as mulheres quanto para os homens, o trabalho informal – como ajudantes de obras na construção civil ou como empregadas domésticas e vendedores ambulantes, entre outras funções – continua sendo a principal ocupação, causando contínua instabilidade financeira por falta de um salário fixo (CARDOSO, 2014). Se, por um lado, o dinheiro enviado por familiares residentes no exterior ajuda a bancar as despesas do dia a dia, por outro lado, a forte e contínua emigração, juntamente com o abandono paternal, tem um impacto importante sobre os núcleos familiares, constituídos, muitas vezes, de maneira monoparental e, em 22,8% dos casos, monoparental composto – à mãe, além do trabalho, cabe o cuidado dos filhos, dos irmãos mais novos, dos primos, sobrinhos ou agregados (INE, 2017).

A violência de gênero, física, psicológica e sexual tem também uma inquestionável relevância tanto na constituição dos núcleos familiares quanto para o fenômeno da criminalidade juvenil. No estudo *Delinquência Juvenil na Cidade da Praia* (Cabo Verde), dissertação apresentada, em 2014, por Ednalva Fernandes Cardoso na Escola de Psicologia da Universidade

Lusófona, a autora afirma:

Em Cabo Verde ainda no que toca às relações familiares, talvez por uma questão cultural, a violência é algo que está enraizada na relação homem/mulher, algo aceite pela sociedade, pois os casais afirmam que entre os cônjuges o recurso à força é de alguma forma visto como algo natural ou normal, bem como na relação pais e filhos onde o recurso a força é considerado como uma medida corretiva e educativa (CARDOSO, 2014, p. 29).

Em *Marginais*, Evel Rocha encena, por meio dos recursos literários, as tensões e as contradições sociais que assombram o arquipélago. O protagonista, Sérgio Pitboy, durante a sua adolescência e juventude sobrevive alternando o trabalho informal com pequenos crimes, como o furto de comida e a venda de marijuana:

A pior violência é não se importar com os outros, com aqueles que vivem em condições sub-humanas. [...]. A minha vida tem sido um circo romano, abandonado na arena de atrocidades, de roubos, de tráfico, de violência, num salve-se quem puder. Aquilo que os outros chamam de delinquência, chamamos de sobrevivência (ROCHA, 2010, p.159).

Com dezesseis anos apenas, o protagonista encontra-se sozinho, sem perspectivas de futuro – já que teve de abandonar a escola pelas tantas faltas devidas principalmente à fome –, morando em abrigos precários e não tendo mais o lar materno onde regressar. Apesar do desenvolvimento da indústria de turismo, que traz grandes lucros aos poucos empresários da ilha, a delinquência para os homens e a prostituição para as mulheres aparecem no romance como as únicas alternativas possíveis para fugir da fome: “o emprego aumentava, porém, os filhos da terra dificilmente

conseguiam um bom trabalho. Dizia-se que Sal era boa madrastra, mas uma péssima mãe” (ROCHA, 2010, p.88).

No romance, o poder público, por meio de suas instituições como o sistema educacional, a saúde e a polícia, age, com efeito, através da necropolítica, primeiramente fragmentando a população com base na classe social – que toma o papel que era da raça durante a colonização portuguesa – para depois deixar morrerem os excluídos sociais no abandono e na miséria.

A figura do Doutor Apolinário, advogado e representante do poder político na Ilha, é emblemática de tal estratégia. Acerca dele, afirma Sérgio nas suas memórias:

Intrigava-me o nojo que o advogado tinha para as pessoas pobres. Aos sábados, dia de esmola, colocava uma empregada à porta da varanda para bloquear a aproximação dos pedintes. As esmolas eram dadas ao portal do quintal. Para ele, as crianças e os adolescentes como eu, filho de pais carenciados, eram as bactérias, os vermes da sociedade. As empregadas da casa deviam tomar banho e desinfetar-se em álcool antes de começar a trabalhar, quem não quisesse seguir as regras devia procurar trabalho noutra freguesia. (ROCHA, 2010, 37).

Na economia do romance, a invisibilização política dos marginalizados é marcada também por um sintomático elemento textual: o nome dos personagens. As figuras da margem salense não têm nome, sendo tratadas apenas pelo apelido que lhes foi atribuído ao ingressarem na errância da vida marginal. Apenas quem consegue fugir da precariedade e da pobreza – é o caso de Jorginho que, ao se tornar jogador de futebol profissional em Portugal, passa a ser Da Silva – ganha um nome próprio, como se juntamente com o *status* social a existência deles passasse finalmente a ser reconhecida. Nesse sentido, ter um nome próprio indicia

a entrada na esfera da *polis*, o pertencer à sociedade civil. De acordo com Érica Antunes Pereira, no artigo “De ‘capitães’ e ‘pitboys’: cartografias da marginalidade nas obras *Capitães da Areia*, do brasileiro Jorge Amado, e *Marginais*, do cabo-verdiano Evel Rocha” (2012):

É curioso que as três únicas personagens que tiveram a oportunidade de progredir no extrato social assumam os nomes próprios em detrimento dos apelidos, o que caracteriza, numa espécie de rito de passagem da subalternidade para a dominação, a (trans)formação dessas identidades, que, entretanto, permanecem sempre em trânsito, já que dos antigos companheiros não se esquecem [...]. Todas as outras personagens, quer do romance brasileiro quer do cabo-verdiano, permanecem num limbo que podemos chamar de marginalidade [...] (PEREIRA, 2012, p. 62).

Perante essas situações precárias, os casos de negligência do poder público – ou seja, a foucaultiana lógica do “deixar morrer”, como base da moderna biopolítica – são, no romance, inúmeros, já que a própria estrutura da obra, como sendo um mosaico de estórias infelizes, favorece o aparecimento de *exempla*. Além dos sempre frequentes casos de abusos policiais, o romance evidencia ainda outras dinâmicas significativas para entender o funcionamento do poder também nas suas conotações microfísicas. Nesse sentido, a instituição escolar opera como uma primeira triagem. Lê-se no romance:

Foi numa terça feira, dia em que um doutor das letras, vindo do estrangeiro, nos visitava, que aprendi uma lição inesquecível: a escola é o centro da formação do carácter do homem, mas é, acima de tudo, o lugar onde aprendemos o ódio, a desigualdade e passamos a compreender que a pobreza é uma doença incurável. A professora de língua portuguesa ia proceder à eleição do aluno que haveria de representar a turma

para ler um discurso encomendado para o visitante. [...] Sem olhar para mim, ela declarou que os votos atribuídos ao Sérgio do Rosário não contavam. [...] o menino Sérgio andou a fazer campanha de voto. Sem saber o que significa «campanha de voto», dei-lhe a minha palavra de honra que não tinha influenciado ninguém, mas a professora me disse que eu não tenho palavra de honra. Pobre não tem palavra de honra. (ROCHA, 2010, 56).

No artigo “Marginais, de Evel Rocha: do sonho à marginalidade como formas de resistência” (2016), Ana Carolina Castanon Luiz afirma que “em Marginais, a discriminação pelos que são menos abastados social e economicamente é revelada pelo excesso de violências e violações, morais e sexuais, veiculadas por entidades sociais e seus representantes, como a escola, o serviço de saúde, a polícia e a justiça” (LUIZ, 2016, p. 2). Como nos contextos coloniais discutidos por Frantz Fanon no primeiro capítulo do célebre *Os condenados da terra* (1968), perante a ausência de qualquer outra instituição de caráter social, a Polícia torna-se o único intermediário entre os excluídos e o poder do Estado. E essa mediação também se dá, em *Marginais*, unicamente por práticas violentas: estupros e abusos sexuais são, portanto, as principais estratégias do poder para inibir qualquer exceção à ordem violentamente imposta. Lendo em conjunto os artigos sobre *Cabo Verde da coletânea Jovens e trajetórias de violências: os casos de Bissau e da Praia* (2012), organizados por José Manuel Pureza, Sílvia Roque e Katia Cardoso, percebe-se como a crescente periurbanização das cidades do arquipélago propicia a instauração de Territórios de Exceção. Como também acontece em determinados contextos brasileiros e sul-americanos, a hipermediatização de certos tipos de violência, tais como roubos, assaltos, venda de droga e porte ilegal de arma, em detrimento de outras tipologias de violência presentes no cotidiano, como a exploração do trabalho, exploração do trabalho infantil, prostituição infantil, entre

outros, favorece a radicalização e a segregação social entre todos aqueles indivíduos considerados marginais e o resto da sociedade que pretende justiça. A resposta do poder dá-se de novo pela repressão e do terror: perseguições, endurecimento das penas e criação de novas infrações são ações frequentes e visam a enclausurar, invisibilizar e afastar da vida social todos aqueles sujeitos que encontram na criminalidade uma forma de fugir à carência e à exploração de todos os dias (PUREZA/ROQUE/CARDOSO, 2012).

Os elementos estruturais de uma sociedade profundamente desigual, tais quais a falta de acesso aos serviços públicos – os 34% dos jovens em situação de abandono escolar são um sintoma claro (CARDOSO, 2014) – e de poder de ação, são, assim, esquecidos para desenhar os marginalizados como individualmente inaptos à sociedade.

Os políticos têm conseguido esconder, com seu manto invisível de discursos coloridos, a miséria dos bairros de Chã de Fraqueza, Alto de Saco, Alto de S. João e Chã de Matias, dos esgotos a céu aberto da Ribeira, das lixeiras, do deficiente, do distraído, dos moribundos na hora derradeira na porta do hospital, do aborto clandestino no casebre de Nhá Maria do Monte, do fontanário sem água, da febre pestilenta e tuberculosa. [...] Nós, os miseráveis, os marginalizados, filhos da mãe, adolescentes malparidos, ignorados, mal acabados...morremos aos poucos atrás da cortina retratada nos jornais e nas revistas (ROCHA, 2010, p.133).

Os vários tipos de violências sobre os corpos que podem, em última instância, culminar com a morte dos “indesejados” fazem do medo e do terror os intermediários privilegiados entre o poder e a marginalidade. No entanto, essa aceitação cotidiana da possibilidade da morte ou do abuso físico configurar-se-ia também como uma energia de resistência perante as opressões e a submissão do cotidiano.

Refletindo acerca da cidade de Salvador da Bahia, com base na leitura do romance *Jubiabá*, de Jorge Amado, no artigo “Cenas e cenários da cidade negra” (1999), Eneida Leal Cunha oferece uma perspectiva estimulante para pensar a marginalidade em *Marginais* no seu potencial político de emancipação, perante a ordem colonialista e escravagista que sustenta ainda hoje a organização do poder. Afirma Cunha:

Consequência da orfandade, do abandono ou da fuga ao convívio familiar, a vida na rua é, por um lado, uma alternativa à ausência de perspectivas para esse contingente que descende de negros pobres e livres, mas é, por outro, a libertação das funções subservientes e serviçais nos sobrados ou da subordinação aos “mestres de ofício”, as duas instituições formativas destinadas aos jovens pobres e negros, as quais guardam completa fidelidade à ordem escravagista: na relação de pertencimento a um senhor, no disciplinamento corporal, na exploração não-remunerada do trabalho. A sobrevivência nas ruas exige estratégias de organização e defesa, das quais surgem os bandos — ou quadrilhas, como então se dizia — de meninos e meninas. (CUNHA, 1999, p.130).

Como na Bahia de Jorge Amado, os grupos de jovens que habitam as ruas de Cabo Verde e que acompanhamos na obra de Evel Rocha “integraram um grupo não só para beneficiarem de proteção, mas principalmente com um sentimento de adoção numa nova família, criando assim um sistema de valores próprios.” (CARDOSO, 2014, p. 39). Todavia, a segurança oferecida pelo grupo aparece no romance como algo extremamente frágil, um abrigo incerto para o presente que não permite afastar os fantasmas de um futuro marcado por mais e mais sofrimentos.

Em *Marginais*, a morte violenta, a morte sob tortura ou no esquecimento de um presídio, a morte de corpos jovens no florescer da

vida – como para um trágico oxímoro – está sempre presente. Não como uma possibilidade remota, mas como uma certeza escondida num beco ou atrás de uma esquina; disfarçada sob forma de assalto, de uma briga entre *gangs* rivais, ou explícita, no uniforme de um policial ou na sentença de um juiz. Viver a marginalidade dentro dos espaços para ela reservados, mas também fora, nas ruas, nas praças, nas escolas, significa “estar na dor”, como afirma Achille Mbembe (2016) ao se referir à ocupação colonial tardo-moderna. Mas significa também não aceitar a inclusão subalterna num sistema de perene e sistemática exploração do corpo do negro e do pobre. Aceitar a cada momento a possibilidade da morte equivale a não negociar com o poder o domínio sobre a própria vida, até o último respiro. Ser vaga-lume, portanto, nas trevas da exploração e da marginalização de inteiros grupos sociais.

Como sugere Mbembe, falando do “Homem bomba”, liberdade e negação operam juntos (MBEMBE, 2016, pp. 142-143). No momento em que, no plano individual, se aceita o desafio da morte, no plano coletivo coloca-se em xeque toda uma organização social, todo um modelo, uma norma de vida que quer se impor como a mais sadia, a mais saudável e a mais apropriada para o florescer da vida na sociedade, mas que implica a sistemática exploração e a morte do outro.

## Referências

CARDOSO, Ednalva Fernandes. *Delinquência Juvenil na Cidade da Praia (Cabo Verde)*. Lisboa, 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Ciências da Vida) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2019.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.

CUNHA, Eneida Leal. Cenas e cenários da cidade negra. *Semear*, n. 3. Rio de Janeiro, p. 129-138, 1999.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. V. Cosa Nova, M. Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FAZZINI, Luca. Territórios de exceção: poder, espaço urbano, literatura. *Revista Rua*, v. 24, n. 2, 2018, p. 461-486.

FOSTER, Hal. *O retorno do real: a vanguarda no final do século XX*. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 285-315.

FREDERICO, Silvia. Sexo em alto mar Prostituição de luxo na zona portuária da

Palmeira. *A voz*, nº 36, 25 set. 2015. Disponível em: < <http://www.avoz.cv/reportagem/sexo-em-alto-mar-prostituicao-de-luxo-na-zona-portuaria-da-palmeira/>>. Último Acesso: 10 mar 2016.

INE, Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde. 2016. *Estatísticas do Turismo 2000-2016*.

Praia.

INE, Instituto Nacional de Estatística. *Mulheres e Homens em Cabo Verde, Factos e Números*. 2017.

MARTINS, Audri Delgado. *Impacto do Crescimento do Setor do Turismo no Bem-estar*

*Social da População: O caso de Cabo Verde*. Dissertação (Mestrado em Economia da Empresa e da Concorrência) – Instituto Universitário de Lis-

boa, Lisboa, 2018.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensino*. Rio de Janeiro, n. 23, 2016. p. 123-

151.

MONTEZINHO, Jorge. 35% dos cabo-verdianos são pobres. *Expresso das ilhas*. 27 nov 2016. Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/pais/2016/11/27/35-dos-cabo-verdianos-sao-pobres/51046>. Acesso: 25 mar 2019.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. *Império*. Trad. Berilo Varga. 3ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.

PASOLINI, Pier Paolo. *Os jovens infelizes*: antologia de ensaios corsários. Org. M. Laub. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

PEREIRA, Érica Antunes. De “capitães” e “pitboys”: cartografias da marginalidade nas obras *Capitães da areia*, do brasileiro Jorge Amado, e *Marginais*, do Cabo-Verdiano Evel Rocha. *Via Atlântica*, n. 22. São Paulo, p. 55-69, 2012.

PRADO, Natal Eugénio Silva Bans de Portela. *O turismo e a criminalidade*: o caso da Ilha do Sal, Cabo Verde. Dissertação (Mestrado em Segurança pública, Gestão de Defesa Social de Informação e Mediação de Conflitos) – Universidade de Cabo Verde, Praia, 2019.

PUREZA, José Manuel. ROQUE, Sílvia. CARDOSO, Katia (org). *Jovens e trajetórias de violência*: os casos de Bissau e da Praia. Coimbra: Almedina/CES, 2012.

ROCHA, Evel. *Marginais*. Praia: Gráfica da Praia, 2010.

ROCHA, Evel. *Campo da fortuna*. Lisboa: Rosa de porcelana editora, 2018.

SANTOS, Maria do Carmo Farias Daun e Lorena. *Turismo em Cabo Verde*:

Um Estudo Exploratório. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2009.

SOUSA, Nardi. A outra face do janus cabo-verdiano: uma análise crítica da violência juvenil em Cabo Verde. *Revista cabo-verdiana das ciências sociais*, ano 1, nº 1, jan-dez, p. 1-33, 2013.

ZARU, Elia. “Impero” e “imperialismo”. Michael Hardt e Antonio Negri nel dibattito internazionale. *Scienza e politica: per una storia delle dottrine*. v. XXVIII, n. 54. Milano, 2016, p. 147-161.

*Fireflies in the island nights: violence and power mechanics in Marginais, by Evel Rocha*

*Abstract: The present article proposes a reading of the mechanics of violence and power relations on Sal Island, in Cape Verde, enacted by the Cape Verdean writer Evel Rocha in his novel Marginais, published in 2010. Through the metaphor of fireflies, by Pier Paolo Pasolini, taken up again by Geoges Didi-Huberman in The survival of fireflies (2011), this article, based on the analysis of the referred novel, focuses on the forms of resistance and survival of the margins, in a context marked on the one hand by the exploitation of land and bodies by the tourism industry, on the other hand by the violent action of the public power.*

*Keywords: Cape Verdian Literature; Representation of violence; biopolitics.*